

Escola de todos

Humberto Rezende
Da equipe do **Correio**

Quando estava com sete anos, Rafael avisou ao pai, Wilde Gontijo Júnior, 37 anos, que iria visitar um amigo de colégio — a Escola Classe 27 de Taguatinga, onde estudava. A família morava numa das poucas casas da rua que tinha piscina. Depois de algumas horas, Rafael voltou molhado e o pai se espantou. “Pois é, pai. Aqui em casa tem piscina. Na casa do meu amigo tem um rio”, explicou o garoto, que visitara o filho do caseiro de um sítio próximo à escola. O rio era o córrego do Cortado, onde o amigo e outras crianças sem piscina em casa costumam se banhar. “Vi que meu filho estava tendo contato com crianças de realidades diferentes da dele e que tê-lo colocado em uma escola pública havia sido uma decisão correta”, diz Wilde.

O rio em que o filho, hoje com nove anos, se banhou, representou para Wilde uma série de experiências que, segundo ele, seriam difíceis de acontecer caso ele estudasse em um colégio particular. Buscando proporcionar uma formação mais ampla para seus filhos, muitos pais de classe média têm optado por matriculá-los em escola pública. Outros motivos que levam pais a fazer essa opção são a liberdade dos professores em criar aulas diferentes e uma maior possibilidade de interferir na linha pedagógica do colégio.

“Para mim a escola é a formação de um sonho. Numa escola particular, o sonho é do dono da escola. No colégio público, todos podemos construir esse sonho”, acredita Wilde, engenheiro, casado com a arquiteta Sandra, 38 anos, e pai também de Paula, 12. Os dois filhos do casal até hoje estudam em escolas públicas. Rafael, na Escola Classe da 312 Norte, e Paula, no Centro de Ensino da 113 Norte.

A escritora Stela Maris, 49 anos, compartilha da mesma opinião que Wilde. Seus três filhos estudaram, por opção dela, todo o ensino fundamental em escolas públicas. “Vejo várias deficiências na escola pública, mas sou apaixonada pelo ensino que é dado nela. Acho mais humano, tem mais troca, diálogo”, descreve. Stela acredita que o que conta é a educação que o filho recebe

Ronaldo de Oliveira



Para Rafael, filho de Wilde, a convivência em escola pública é boa para a formação: “Ver que colegas só iam ao colégio por causa da merenda, ajuda a ver o mundo de outra forma”

em casa. “A escola deve preparar para a vida”, aponta.

Mesmo assim, quando seus filhos chegavam à idade do ensino médio a escritora optava por transferi-los para as escolas particulares, sob o argumento de que “infelizmente, a escola privada prepara melhor para o vestibular”. Ela acha que o “problema não está na escola e sim na forma de avaliação do vestibular”.

No entanto, essa realidade vem sendo modificada. Dados recentes levantados pelo Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe), da Universidade de Brasília (UnB), revelam que a percentagem de alunos da rede pública aprovados no primeiro vestibular deste ano foi igual a 48%, quase a metade do número de alunos das escolas particulares. Um motivo para esta diferença, em 1999, foi o fato da UnB ter adotado o Programa de Avaliação

Seriada (PAS), que examina e avalia o desempenho dos alunos durante os anos do ensino médio.

O filho mais velho de Stela, Fábio, 24 anos, tem boas recorda-

ção. “Via que colegas que só iam ao colégio por causa da merenda. Eu me perguntava porque isso acontecia e tenho certeza que me ajudou a ver o mundo de outra forma”, conta.

Fábio aponta apenas um lado negativo. “Sofri com a falta de professores. Passei o ensino fundamental quase todo sem ter aulas de inglês. Mas

fora isso, tive professores bons e ruins tanto na escola pública quanto na particular”, diz ele, hoje cursando Letras na UnB.

Não há dados quantitativos sobre a participação das classes

média e alta no universo de alunos da rede pública de ensino. Apenas algumas escolas particulares têm notado que parte de sua clientela opta por um colégio público por razões financeiras. Mas mesmo que o motivo da ida da classe média para as escolas do governo não seja por ideologia, essa tendência é comemorada por diretores e professores.

“Os pais da classe média ajudam a escola em todos os sentidos. São mais participativos, dão mais opiniões, auxiliam materialmente”, confirma a diretora da Escola Classe 27, de Taguatinga, Laura Alves de Lima. A escola que ela dirige foi uma das que obteve o certificado de gestão escolar concedido no ano passado a quatro escolas do Distrito Federal pelo Fundo das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Para o assessor especial da Unesco Célio da Cunha essa tendência é positiva. “A

educação do próximo século deve ser solidária e democrática. E o espaço ideal para isso é a escola pública”, diz.

Laura estima que 30% de seus alunos são de famílias que poderiam pagar uma escola particular, que garantem uma Associação de Pais e Mestres bem participativa. “Busco ajudar a escola sempre. Ela é de todos e quero que melhore”, diz Maria das Graças Barbosa, 31 anos, que tem os filhos Victor, 8 anos, e Marcelo, 11, matriculados na escola.

Os pais que optaram pela escola pública concordam em um ponto: muitos problemas surgem, mas com esforço e participação de todos a escola se torna boa. “Sempre arrango tempo para visitar as escolas de meus filhos”, diz Wilde. Stela prefere definir essa parceria com uma frase de Guimarães Rosa: “Por que todos não se reúnem para sofrer e vencer juntos?”

“PARA MIM, A ESCOLA É A FORMAÇÃO DE UM SONHO. NUMA ESCOLA PARTICULAR, O SONHO É DO DONO DA ESCOLA. NO COLÉGIO PÚBLICO, TODOS PODEMOS CONSTRUIR ESSE SONHO”

Wilde Gontijo Júnior,
engenheiro, pai de dois filhos em escolas públicas